

# Por Que Thomas Ogden?

*José Luiz F. Petrucci\**

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo dizer algumas coisas do como e do porquê de as formulações teóricas de Thomas H. Ogden se tornarem um dos mais importantes referenciais no trabalho do autor com psicanálise.

**Palavras-chave:** Thomas Ogden. Teoria psicanalítica. Bibliografia.

## **1. Introduzindo Thomas Ogden em meus Referenciais. Ou como aprendi que tolerância às diferenças multiplica conhecimento**

A pergunta a mim feita pela Comissão Editorial da Revista Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre quis, para mim, dizer: “Por que, em determinado momento de minha vida profissional, dediquei-me à leitura da obra do psicanalista norte-americano Thomas H. Ogden?”. A partir da pergunta assim formulada, ou por mim transformada, vejo imperioso esclarecer, até por consideração às posições do autor<sup>1</sup>, que se dedicar ao estudo de sua obra com a intenção de isolá-lo de uma ampla relação com as demais fontes do saber psicanalítico seria contradizer o próprio Ogden: uma das razões de minha admiração por Thomas Ogden é exatamente o fato de ser um dos autores

\* Médico Psiquiatra. Membro Titular Fundador e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

<sup>1</sup> Daqui em diante, “autor” se refere a Thomas Ogden, não mais ao autor deste trabalho.

psicanalíticos que melhor soube abstrair criativas convergências entre os estudos dos mais importantes continuadores da obra de Sigmund Freud. Em Ogden fluem suavemente as idéias originais de vários e importantes autores, sem atritos – muito pelo contrário, não só complementando-se, mas, por brilhantemente articuladas, rejuvenescidas e fortalecidas. Ali estão, num diálogo em que Ogden é o catalisador, e a partir da sólida base freudiana, Klein, Winnicott, Mahler, Bion... o próprio Ogden, além de outros. Em nenhum momento, entretanto, vamos encontrar nessa obra **velhas e conhecidas teorias com novos nomes para parecer que são coisas novas**. Sempre que aborda teorias já conhecidas o faz criativamente, com um ponto de vista que as torna no mínimo mais abrangentes, ou mais específicas.

## 2. O Grupo De Psicanalistas em Torno de Ogden

Morando e trabalhando em San Francisco, Califórnia, não precisou andar muito. Um curto passeio pelas margens daquela exuberante baía e já está chegando a Berkeley, onde encontra seu grande amigo, incentivador e mestre, L. Bryce Boyer, que o próprio Ogden diz ter sido “[...] aquele que me ensinou o que significa ser um psicanalista”<sup>2</sup>. Em torno de Bryce, reúnem-se alguns dos mais criativos nomes da psicanálise do mundo inteiro – inclusive do Brasil – para formar um grupo que, por suas posições descoladas das então chamadas “escolas psicanalíticas”, acabou sendo conhecido informalmente como o “Grupo dos Pensadores Independentes em Psicanálise”<sup>3</sup>. Esse grupo, tendo Bryce Boyer como editor, participou de uma publicação, em dois volumes, de uma das mais interessantes obras psicanalíticas que já li, lamentavelmente ainda sem tradução para o português por dificuldades editoriais: *Master Clinicians on Treating the Regressed Patients*. Alguns nomes dos que ali têm seus artigos dão uma idéia da força dessa obra: além de Bryce Boyer e Ogden, aparecem Frances Tustin, John

<sup>2</sup> OGDEN, 1994 em sua dedicatória.

<sup>3</sup> Este não deve ser confundido, como muitas vezes o foi, com o “Middle Group” da Sociedade Britânica de Psicanálise – basicamente ligado às idéias de Winnicott.

Steiner, Peter Giovaccini, Harold Searles, Joyce McDougal, David Rosenfeld, James Grotstein, Heitor de Paola, Renata Gaddini, Glen Gabbard, Chistopher Bollas...

### 3. Thomas Ogden e as Psicoses

O próprio nome da obra acima citada já nos dá uma idéia de um dos interesses de Thomas Ogden, e do meu “por que Ogden”: foi ele um dos grandes entusiastas do emprego do método psicanalítico no tratamento de pacientes regredidos, psicóticos inclusive. Durante muito tempo, como candidato do Instituto e depois como Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, participei de um grupo de estudos sobre psicanálise de psicóticos, sob a coordenação do Dr. Mário Pacheco de Almeida Prado – amigo pessoal de L. Bryce Boyer, com quem nosso grupo de estudos se correspondia com frequência. Esse vínculo fez com que muito precocemente começássemos a ouvir falar de Thomas Ogden, o “Tom” de Bryce Boyer. Logo, por influência desse grupo de estudos, foi introduzida no programa curricular do Instituto de Psicanálise da S.B.P.R.J. a Cadeira (era assim que a chamávamos) de Psicanálise das Psicoses, tendo dela me tornado mais tarde Auxiliar de Ensino e, posteriormente, Coordenador de Seminários. Incrementou-se, assim, meu interesse não só em analisar psicóticos, mas, e principalmente, no estudo das mais precoces etapas do desenvolvimento da personalidade, aumentando logicamente meu interesse por Ogden: poucos como ele se dedicaram a essas questões com tanto interesse e profundidade. Já coordenei os seminários de Psicopatologia III no Instituto de Psicanálise da nossa S.B.P. de P.A., quando, por me parecer fundamental e até indispensável, incluí artigos de Thomas Ogden na bibliografia do curso. Por que Ogden? Aí vai outro porquê: em meu entendimento, faltaria muita coisa para uma compreensão mais profunda e completa das precoces matrizes do psiquismo – e, portanto, das origens psicológicas das hipocondrias e das psicoses - sem o conhecimento do que Ogden escreve a respeito.

Foi no final dos anos 80, enfim, que comecei a ter contato direto com

sua obra. Um colega de nosso grupo de estudos, convidado por Bryce Boyer a fazer conferências em Berkeley, conheceu pessoalmente Thomas Ogden, e este obsequiou-lhe um exemplar de cada um de seus três primeiros livros, todos infelizmente sem tradução para o português: *Projective Identification and Psychotherapeutic Technique*, de 1982, *The Matrix of the Mind*, de 1986, e *The Primitive Edge of Experience*, de 1989.

Muitas coisas poderiam aqui ser escritas para justificar o grande interesse em mim despertado por esse autor. Tento, no entanto, na medida da possibilidade limitada de um artigo, tirar algumas idéias que considero importantes de seus três livros acima citados, acrescentando algumas outras de *Subjects of Analysis* – este com tradução para o português com o título *O Sujeito da Psicanálise*. Pretendo, com isso, estimular o leitor a procurar um estudo mais amplo desse incomum pensador da psicanálise.

#### **4. Projective Identification and Psychotherapeutic Technique (OGDEN, 1982)**

##### ***4.1 Um Alentado Estudo, Uma Perspectiva Diferenciada da Identificação Projetiva***

Este é, de tudo o que li a respeito, e em minha opinião, o mais completo e original estudo sobre o fenômeno mental a que Melanie Klein, ao descrevê-lo, chamou de *Identificação Projetiva*. Se não o chamo, como é mais comumente – e erradamente – conhecido, de “mecanismo de defesa”, mas de *fenômeno mental*, estou já a defini-lo como Ogden o faz: para ele – como, aliás, para outros autores – a identificação projetiva é uma componente de nossa vida mental tão abrangente, que podemos dizer que deve ser vista, a partir de determinado ponto da evolução psicológica, como um dos fundamentos de todas as nossas funções mentais, exatamente por estar presente em todas elas. De fato, é por ela que existe nossa vida psíquica. E digo “a partir de determinado ponto”, porque o próprio Ogden, como tantos outros, defende a existência de vida psíquica anterior ao surgimento da identificação projetiva, como adiante será exposto. Nisso, tomando como base as idéias de Klein, delas não discorda nem as contradiz, muito pelo

contrário, parte das verificações de Klein em busca de acréscimos de conhecimento *estimulados* pelos achados da mesma.

Assim se refere Ogden à identificação projetiva:

[...] não é um conceito metapsicológico. O fenômeno que ela descreve existe no domínio<sup>4</sup> dos pensamentos, dos sentimentos e da conduta, e **não** no domínio das conhecidas abstrações sobre o trabalho da mente (grifo do autor).

Mesmo que alguém use ou não o termo, seja ou não conhecedor do conceito de identificação projetiva, irá, na clínica, se encontrar<sup>5</sup> com o fenômeno ao qual ela se refere – fantasias projetivas inconscientes em associação com a evocação de sentimentos congruentes no outro.

O receptor é pressionado a engajar-se em uma identificação com um aspecto específico evacuado<sup>6</sup> pelo projetor.

O fato de experimentarmos em nós pensamentos e sentimentos que nos dão a forte sensação de não ser algo inteiramente nosso gera ansiedade, produzindo resistências à compreensão do fenômeno, mesmo porque, não havendo um vocabulário para pensar sobre ele, se produz uma séria interferência na capacidade de o terapeuta entender, manejar e interpretar a transferência. Na verdade, o receptor passa a ser um continente daquilo que, por indesejável, o projetor, por uma fantasia inconsciente onipotente, experimentou ter se livrado.

Ao contrário do que dizem autores ligados a diferentes escolas do pensamento psicanalítico, a identificação projetiva não é uma construção que alguém aceita ou rejeita, baseando-se na idéia da metáfora (como a noção de energia psíquica) de uma imagem (como as idéias sobre estruturas psicológicas) ou da compatibilidade de uma idéia com outros pontos de vista teóricos ou filosóficos (como a do instinto de morte).

A identificação projetiva é um conceito de nível clínico com três referências fenomenológicas, todas inteiramente contidas no domínio de *expe-*

<sup>4</sup> “Realm”, no original.

<sup>5</sup> “Bumps up against”, no original.

<sup>6</sup> “Disowned”, no original.

*riências* psicológicas e interpessoais *observáveis*: (1) a fantasia inconsciente do projetor (observável em seus derivativos, como associações, sonhos, parapraxias, e assim por diante); (2) as formas de pressão interpessoais, freqüentemente sutis, porém verificáveis; e (3) a experiência contratransferencial (uma real, ainda que subutilizada, fonte de dados analisáveis).

Com as afirmações desses dois últimos parágrafos, Ogden conclui a introdução do livro, já prenunciando o montante de idéias de grande utilidade clínica que conterà.

De forma breve, descrevo como, por razões didáticas, Ogden delimitou as três fases clínicas da identificação projetiva.

Fase Um: de início, ocorre o desejo do projetor de livrar-se de partes do *self* (incluindo objetos internos) tanto porque ameaçam a integridade do próprio *self* quanto porque essas partes correm o perigo de serem atacadas por outras partes do próprio *self*.

Fase Dois: o projetor exerce pressão sobre o recipiente para que este tenha as experiências relacionadas às fantasias inconscientes projetadas e, ainda, que assuma conduta congruente com essas fantasias. Ao fazer essa afirmação, Ogden sublinha que não se trata de uma imagem, mas de experiências e condutas *de fato* assumidas pelo recipiente: *a identificação projetiva não existe quando não há interação entre projetor e recipiente*, conclui.

Fase Três: O recipiente se experimenta, ele próprio, *realisticamente* como representando o papel que lhe é atribuído na fantasia projetada. No entanto, como é uma pessoa diferente do projetor, ocorrerão nele sentimentos que serão semelhantes aos do projetor, mas não idênticos: o recipiente é autor de seus próprios sentimentos.

#### ***4.2 As Dificuldades e os Ganhos Clínicos do Adequado Trabalho com o Fenômeno da Identificação Projetiva***

Essa visão da identificação projetiva, fácil é perceber, traz uma nova forma de ver não só a transferência, como toda e qualquer observação,

mesmo em nosso cotidiano. Em primeiro lugar, porque nos diz que não existe transferência sem aquele fenômeno que costumamos chamar de contratransferência. Ainda, porque conclui que o resultado da observação é uma relação criativa (jamais a simples soma) entre o que são características do objeto e as fantasias que nele projetamos. Inevitável, a partir disso, será uma revisão do que pensamos ser o “objeto real”.

Visão assemelhada a essa se encontra no que Bion entende serem os objetos psicanalíticos (O Aprender com a Experiência): os objetos do psicanalista serão bem diferentes dos de outras visões que não incluem a psicanalítica, como o objeto do físico, por exemplo. Embora, sob visão mais superficial, possa parecer que o objeto da física é mais “real” do que o da psicanálise (por priorizar valores sensoriais, como suas dimensões e formas bem definidas), em um aparente paradoxo, o objeto psicanalítico tem muito mais características de “realidade”, porque sua concepção inclui a experiência emocional que a ele se relaciona – experiência que não é considerada pelo físico, embora faça parte inalienável do objeto, seja ele animado ou inanimado. Quer dizer, o valor do objeto psicanalítico é definido não só por suas características extrínsecas, mas por valorizar igualmente seus significados.

A partir desta visão do fenômeno da identificação projetiva, o autor cuida de aspectos como o reconhecimento do fenômeno na clínica e as questões técnicas que envolvem sua interpretação. Ainda, estuda, para ele, a fundamental presença da identificação projetiva no processo de evolução do psiquismo.

## **5. The Matrix of The Mind (OGDEN, 1986)**

### ***5.1 Objetos Internos e Objetos Psicanalíticos***

Está no primeiro capítulo do livro *The Psychoanalytic Dialogue* a razão de meu entendimento de que tudo, em psicanálise, deve ser considerado como um diálogo entre pares antitéticos. Embora alguns pontos de vista de Ogden foram se diferenciando dos da obra de Melanie Klein, entende ele que foi ela, Klein, quem introduziu a dialética na psicanálise, ao se

referir não mais a fases, mas a posições, nas etapas de desenvolvimento psicológico. Assim, quando pensamos nas posições esquizo-paranóide e depressiva, devemos considerá-las não etapas sucessivas e estanques do desenvolvimento, mas existentes de forma concomitante, num permanente diálogo dentro da vida mental desde seu início, ora com predomínio de uma, ora de outra. A partir desse ponto do desenvolvimento da psicanálise, pelo menos a partir do referencial da teoria das posições de Klein, se estabelece um contingenciamento, isto é, será sempre necessário pensar algo em relação ao seu oposto. Também nunca mais será possível falar do objeto sem relacioná-lo ao sujeito, quer dizer, a nós, psicanalistas, quando somos o sujeito. Freud já falava de uma herança filogenética do conhecimento, quando afirmava que a atenção “[...] sonda o mundo externo em busca de familiaridade com uma necessidade interna urgente” (FREUD, 1911). Isso quer dizer que já está em nós, em forma de uma pré-concepção, algum conhecimento do que iremos buscar no mundo externo ou no objeto. Assim, o objeto é, em parte, algo criado – e já conhecido – pelo sujeito. Essa relação, dentro do objeto, entre o que é do sujeito e o que é do objeto, mantém-se em diálogo e como consequência precipita uma permanente relação criativa entre sujeito e objeto como coisas externas, um em relação ao outro.

### ***5.2 A Relação Intrapessoal dos Objetos Internos, Transferência e Contratransferência***

Este ponto de vista, que Ogden já havia esboçado em suas idéias sobre o fenômeno da identificação projetiva, será retomado em capítulos subsequentes quando expressa seus pensamentos sobre as relações entre objetos internos<sup>7</sup> (*internal object relations*, no original). Para ele, há uma divisão do ego em que uma parte se relaciona com as representações de objetos de experiência passadas e outra parte com os objetos das experiências cor-

---

<sup>7</sup> Ogden explicita que, ao falar de uma relação entre objetos internos, está se referindo a um evento intrapessoal, isto é, dentro do sistema de uma personalidade singular, em oposição a uma interação interpessoal, envolvendo duas ou mais pessoas.

rentes: ambas estão em permanente relação dialética a cada momento da vida psíquica. Transferência e contratransferência serão uma externalização das relações entre objetos internos (OGDEN, 1986, p. 131).

## 6. The Primitive Edge of Experience (OGDEN, 1990): A Pluridimensionalidade da Experiência Humana

A idéia de que a experiência humana se manifesta em uma unidade é uma ilusão: como acentua Ogden em seus escritos anteriores, o que gera a experiência<sup>8</sup> é um processo dialético. Aqui, o autor irá explorar a idéia de que essa experiência humana é constituída de uma inter-relação dialética entre três modos de gerar experiência: o modo depressivo, o modo esquizo-paranóide e o modo autístico-contíguo. Os dois primeiros conceitos foram introduzidos por Melanie Klein, enquanto o último é uma extensão de idéias introduzidas por Esther Bick, Frances Tustin e Donald Meltzer, todos com forte influência de Bion. Os três modos relacionam-se entre si de forma a que cada um, ao mesmo tempo, cria, preserva e nega os outros. Embora a existência isolada de cada um dos três modos não tenha significado, eles, por uma questão de clareza, são estudados isoladamente.

As posições depressiva e esquizo-paranóide são aqui colocadas não como componentes de uma seqüência, que para Ogden teria sido a forma com que Klein as descreveu, mas como existentes de forma concomitante, em relação dialética, seguindo o que seria uma modificação de Bion.

## 7. Thomas Ogden e Melanie Klein

É importante aqui anotar o que parece ter sido uma inconsistência de Ogden em vista do seu pensamento expresso no último parágrafo, acima, já que, em *Subjects of Analysis* (1994), ele afirma que “[...] as mais importantes contribuições teóricas de Melanie Klein para o desenvolvimento da

<sup>8</sup> Experiência que tem o ser humano a respeito de si próprio. É um desenvolvimento da idéia de “noção de self”, ou da “consciência”, a que Freud se refere em *The Two Principles of Mental Functioning*. “Experimentar” tem uma clara conotação emocional e se estende à experiência da relação com o outro.

subjetividade foram: (1) a concepção *dialética* das estruturas psíquicas e do desenvolvimento psicológico *que está sublinhando seu conceito de 'posições'*, (2) a *dialética* descentralização do sujeito no espaço psíquico e (3) a noção da *dialética* da intersubjetividade que está implícita no conceito de identificação projetiva” (grifo nosso). Como hipótese, imagino ter ocorrido com Ogden – que, aliás, afirma que “[...] os conceitos de posições depressiva e esquizo-paranóide não foram integrados ao corpo principal do diálogo psicanalítico Americano” (OGDEN, 1990) – o que foi e continua sendo comum no pensamento psicanalítico: as dificuldades de entendimento do que *de fato* Klein quis dizer, exatamente pelo tanto de subjetivo que há nas suas descobertas. Teria Ogden finalmente, em 1994, entendido melhor os conceitos kleinianos?

#### 8. A Posição Autístico-Contígua: não uma nova idéia, mas um novo marco na criatividade e na capacidade de síntese de Ogden

A idéia de uma posição autístico-contígua já havia sido intuída por Freud, em uma de suas cartas a Fliess, e é aqui trazida como uma elaboração de idéias prévias de outros autores, como acima foi dito. Assim a define o autor:

A posição autístico-contígua é uma primitiva organização psicológica operativa desde o nascimento, geradora da mais elementar forma da experiência humana, sendo um modo de experiência dominado pelo sensorio no qual o mais primitivo<sup>9</sup> sentido de “self” é construído, sob o ritmo das sensações, particularmente na superfície da pele<sup>10</sup>, sendo uma experiência pré-simbólica, recebida pelo aparelho sensorial, e por isso extremamente difícil de ser captada através da palavra. (OGDEN, 1990)

<sup>9</sup> “Inchoate”, no original.

<sup>10</sup> Para um estudo da relação entre sensações da pele (tato) e evolução psicológica, recomendo o trabalho de Peter Giovacchini, no volume 1 de *Master Clinicians on Treating the Regressed Patients*, obra acima citada.

Para Ogden, a posição autístico-contígua é conceituada não como uma fase pré-psicológica ou biológica, na qual a criança viveria num mundo isolado (*cut-off*) das relações dinâmicas com os objetos externos; em vez disso, é concebida como uma organização psicológica dentro de um processo defensivo em face à percepção de um perigo. O termo “autismo”, neste livro, é usado para se referir a acontecimentos específicos do universo ao modo de experiência sensorial, e não à conhecida e severa patologia da infância.

## 9. Subjects of Analysis (OGDEN, 1994)

### 9.1 O Terceiro Analítico, de Ogden: para o bem e para o mal, há alguém novo dentro da nossa sessão!

O conceito de terceiro analítico, aqui elaborado por Ogden, terá certamente semelhança com aquele da “teoria do campo psicanalítico”, de W. e M. Baranger, e de outros autores que examinaram esse fenômeno. Ogden, no entanto, com a introdução da idéia do “terceiro analítico”, elabora a questão de uma forma a acrescentar uma dinâmica especial a ele. É o terceiro analítico uma quase-personificação da intersubjetividade<sup>11</sup>.

Em certo momento, Ogden o conceitua assim: “O terceiro analítico é uma criação de analista e analisando, e ao mesmo tempo analista e analisando são criados pelo terceiro analítico”. Isso quer dizer que, acrescentando um importante fator à teoria do campo, o terceiro analítico é um elemento que *age* sobre paciente e analista: embora sendo uma abstração, age como se concretamente houvesse uma “terceira pessoa” presente à sessão, que ouve o paciente e o analista e é ouvida por eles, ao mesmo tempo em que exerce pressão sobre os sentimentos e a conduta de ambos, paciente e analista. De fato, não são incomuns sensações tanto de paciente como de analista de que ouviram e disseram coisas que nada têm a ver com suas

<sup>11</sup> Há autores, entre eles W. R. Bion, que não aceitam bem o uso do termo “intersubjetividade”, entre outras coisas porque representa uma redundância, já que ela está implícita no contexto da relação humana, além de poder criar a falsa idéia de que poderia haver relação que não fosse intersubjetiva.

convicções a respeito de suas formas de agir, tanto individualmente como um em relação ao outro: parece serem estes os momentos em que “percebem” a presença do terceiro analítico.

É importante se pensar no quanto o terceiro analítico, como já foi dito, tem a capacidade de modificar tanto paciente quando analista, e aí está o que a idéia de Ogden acrescenta à teoria do campo: nesta última, analista e paciente criam um campo e o observam, enquanto o terceiro analítico é criado por paciente e analista, mas também cria um paciente e um analista.

Ogden alerta também que não quer, com a teoria do terceiro analítico, introduzir uma simetria na relação analítica, oposta à idéia de que ela *deva* ser assimétrica. E acrescenta: “Analista e analisando não estão engajados em um democrático processo de análise mútua”.

### **9.2 A Ação Interpretativa**

Uma consequência da presença do terceiro analítico é o que o autor chama de “ação interpretativa”, que ele entende como a comunicação do analista ao analisando de um aspecto da transferência-contratransferência por meio de atividades que não a da simbolização verbal. A rigor, trata-se da comunicação do significado inconsciente da transferência-contratransferência por uma expressão facial, um movimento, um silêncio ou mesmo no que vai “subentendido” na *forma* de expressar as palavras, como uma tonalidade afetiva, altura da voz, a forma mais agressiva ou carinhosa da expressão, etc. A ação interpretativa, diz Ogden, adquire seu significado no contexto da experiência que analista e analisando têm da presença do terceiro analítico.

## **10. Ausência de Intersubjetividade no Isolamento Pessoal**

Ogden descreve um estado de isolamento que não tem relação com solidão, mas com a formação do sentido de privacidade, e chama a atenção para a importância de saber detectar a diferença entre os dois na clínica. Descreve duas formas com que se apresenta o isolamento, ambas de fundamental importância do desenvolvimento do *self*: (1) o isolar-se para se pro-

teger do muitas vezes insuportável sentimento de desejo e (2) o isolar-se para observar na mãe a expressão do sentimento do bebê. Tais estados estarão presentes na transferência e não devem ser confundidos com, por exemplo, “recusar-se agressivamente ao contato”.

## 11. Conclusão

Impossível seria abordar todos os aspectos da criatividade de Thomas H. Ogden. Concluo imaginando que possa ter, com o que até aqui resumi, provocado uma busca por uma completa leitura de sua obra psicanalítica. Se puder estimular credibilidade, digo que sua leitura me fez dar uma volta completa em muitos de meus conceitos sobre psicanálise e, sobretudo, sobre o entendimento de meus pacientes. Mais importante ainda: o uso desses referenciais fez com que *meus pacientes* me entendessem melhor.

## Why Thomas Ogden?

**Abstract:** This paper wants to say how and why the theoretical formulations of Thomas H. Ogden became one of the most important bases for author's work in psychoanalysis.

**Keywords:** Thomas Ogden. Psychoanalytic theory. Bibliography.

## ¿Porqué Thomas Ogden?

**Resumen:** Este trabajo tiene por objeto decir algo sobre el como y el porqué las formulaciones teóricas de Thomas H. Ogden han se tornado una de las más importantes basis del pensamiento psicoanalítico del autor.

**Palabras-clave:** Thomas Ogden. Teoria psicoanalítica. Bibliografía.

## Referências

- BION, W.R. **O Aprender com a Experiência**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- FREUD, S. (1911). Formulations on the Two Principles of Mental Functioning, In: \_\_\_\_\_. **Complete Psychological Works of Sigmund Freud**. S. E. London: The Hogarth Press, 1971. v. XII.
- OGDEN, T. H. **Projective Identification and Psychotherapeutic Technique**. London: Jason Aronson, 1982.

POR QUE THOMAS OGDEN?

- \_\_\_\_\_. **Subjects of Analysis.** London: Jason Aronson, 1994.  
\_\_\_\_\_. **The Matrix of the Mind.** London: Jason Aronson, 1986.  
\_\_\_\_\_. **The Primitive Edge of Experience.** London: Jason Aronson, 1990.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

**José Luiz Freda Petrucci**

Av. 24 de outubro, 838 sala 409 – Moinhos de Vento  
90510-002 Porto Alegre – RS – Brasil  
Tel. (51) 3346-4472 e 81410497  
E-mail: jopetrucci@terra.com.br